

FRANK SVENSSON E O ENSINO DE PROJETO: EXPERIÊNCIAS DA DESCOLONIZAÇÃO

FRANK SVENSSON Y LA ENSEÑANZA DEL DISEÑO: EXPERIENCIAS DE DESCOLONIZACIÓN

FRANK SVENSSON AND DESIGN TEACHING: EXPERIENCES OF DECOLONIZATION

LIMA, CARLOS HENRIQUE DE

Doutor em Urbanismo, Universidade de Brasília, E-mail: carloshenrique@unb.br

NERES, TAMARA

Graduanda em arquitetura e urbanismo, Universidade de Brasília, E-mail: tamara.neres@gmail.com

RESUMO

O propósito deste artigo é produzir uma análise sobre o pensamento e prática do ensino de projeto arquitetônico na trajetória de Frank Svensson. Para isso, privilegamos dois períodos em que lecionou na Universidade de Brasília: nos anos 1970 e após a reabertura política do país, final dos anos 1980; e nos anos em que contribuiu para a formação do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola, logo após a independência do país. O conhecimento do território é característica marcante na trajetória pedagógica de Svensson, que desenvolveu experiências coletivas configuradas em torno de ações extensionistas. Sobre tudo, Svensson privilegiou o conhecimento histórico como fonte informadora fundamental, e sobre como a percepção das formas sociais se desdobra no ato de projetar.

PALAVRAS-CHAVE: Frank Svensson, ensino de projeto, Angola.

RESUMEN

El propósito de este artículo es producir un análisis de las prácticas de enseñanza de Frank Svensson. Para eso, nos enfocamos en dos períodos en los que enseñó en la Universidad de Brasília: en la década de 1970 y después de la reapertura política del país, a fines de la década de 1980; y en los años en que contribuyó a la formación de la carrera de arquitectura y urbanismo de la Universidade Agostinho Neto, en Luanda, Angola, poco después de la independencia del país. El conocimiento del territorio es un rasgo llamativo en la trayectoria pedagógica de Svensson, quien desarrolló experiencias colectivas configuradas en torno a acciones de extensión. Sobre todo, Svensson privilegió el conocimiento histórico como fuente fundamental de información y sobre cómo se despliega la percepción de las formas sociales en el acto de diseñar.

PALABRAS CLAVE: Frank Svensson, enseñanza del diseño, Angola.

ABSTRACT

The purpose of this article is to produce an analysis of the teaching architectural design practices by Frank Svensson. For this, we focus two periods in which he taught at the University of Brasília: in the 1970s and after the political reopening of the country, in the late 1980s; and in the years in which he contributed to the formation of the architecture and urbanism course at Universidade Agostinho Neto, in Luanda, Angola, shortly after the country's independence. Knowledge of the territory is a striking feature in Svensson's pedagogical trajectory, who developed collective experiences configured around extension actions. Above all, Svensson privileged historical knowledge as a fundamental source of information, and on how the perception of social forms unfolds in the act of designing.

KEYWORDS: Frank Svensson, design teaching, Angola.

Recebido em: 07/06/2021
Aceito em: 09/05/2021

1 INTRODUÇÃO

O ensino de projeto é tema dos mais relevantes no campo da arquitetura e urbanismo, com debates que vem sendo ampliados em variadas direções. Dentre outros temas, identificamos as novas teorias projetuais, a importância da prática para a construção de habilidades, sobre fontes informadoras que influenciam a tomada de decisões, ampliação do escopo de referências históricas. Vale notar como todos estes temas se condensam num momento em que os efeitos da colonialidade ganham espaço em discussões no âmbito acadêmico, exigindo reflexões sobre abordagens mais consequentes para lidar com desafios enfrentados no sul global (MICHELIN; VASSÃO; ARANTES, 2022). Este artigo é uma revisão do pensamento e práticas para o ensino de projeto do arquiteto e professor Frank Svensson (1934-2018). Sua trajetória nos leva a considerar este universo de problemas, qual seja, da incorporação das expressões coletivamente construídas como forma de estimular práticas projetuais mais conscientes e potencialmente descolonizadoras. Dentre os rumos pelos quais enveredou, Svensson foi professor universitário, em contextos muito contrastantes: Suécia, Angola e Brasil. Esse trânsito proporcionou ao arquiteto pensar sobre variações relacionadas ao ambiente físico, e sobre a interação entre sociedade e espaço edificado. Para Svensson (1992), o conhecimento sobre a matéria e a história devem ser trabalhadas na estreita relação entre as práticas de ensino e ações extensionistas.

Para o desenvolvimento do artigo, de aspecto teórico, foram analisadas as publicações escritas e editadas por Frank Svensson, em que parte considerável é dedicada a fins didáticos. Além desta introdução, o artigo apresenta duas partes complementares. A primeira é uma síntese das expressões que nortearam o pensamento de Svensson e de como estão intrincadas ao seu pensamento sobre a cidade. Em seguida, tentamos discorrer sobre como essas noções e percepções do mundo influenciaram sua forma de ensinar. Destacamos sua experiência em Luanda, na Universidade Agostinho Neto, em Angola, nos primeiros anos de independência do país, quando foi consultor para a montagem do curso de arquitetura e urbanismo. Com isso, esperamos que as discussões aqui levantadas possam contribuir para debater a respeito de alguns impasses e preocupações que movimentam a prática da arquitetura no presente, em países situados na periferia do capitalismo, cujos nexos entre forma material e relações de produção encontram obstáculos consideráveis para que se constitua em experiências emancipadoras de prática de projeto.

2 DESENVOLVIMENTO

Breve trajetória de Frank Svensson

[...] as relações entre as coisas e as pessoas não podem ser plenamente entendidas somente pela observação individual daquilo que é manifesto. É exigível, também, experiência prática e, mais ainda, troca de conhecimento e formas superiores da abstração para se atingir a essência dos acontecimentos e dos fenômenos. (SVENSSON, 1992, pp.127-128)

Frank Algot Eugen Svensson nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais em 1934. Foi aluno da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais e lá se envolveu em atividades que extrapolam a matriz curricular. Em 1959, publicou ao lado de colegas de curso o livro "Arquitetura e o Homem", de Edgard Graeff, uma compilação de estudos sobre a situação da classe trabalhadora. No mesmo ano, filiou-se ao Partido Comunista (PCB), o que o levou a conhecer Oscar Niemeyer em uma de suas passagens por Belo Horizonte a caminho de Brasília. Nas conversas do partido, Niemeyer convidou Svensson para estagiar na nova capital (SCHLEE, 2006). Em Brasília, a experiência intensiva com projetos e obras de arquitetura despertou em Svensson a consciência sobre as dinâmicas urbanas e sua relação com a classe trabalhadora, levando-o a perceber a estreita relação entre maneiras de projetar e as formas de relação no canteiro de obras. Svensson passa a considerar o caráter público como valor primordial da prática arquitetônica, o que o levou a atuar na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE - na época sediada em Pernambuco.

Frank Svensson ingressou para o quadro da SUDENE em 1963, pouco depois de sua fundação, e permaneceu no órgão até 1970, período de suma importância para moldar sua visão de mundo. Para o arquiteto, atuar no serviço público era forma mais objetiva de contribuir para o bem comum. A criação do órgão ocorre em um momento do país em que se pretendia convergir campos do conhecimento para a transformação da economia e do território. A primeira metade da década de 1950 marca o início de políticas desenvolvimentistas no país, marcado pelo incremento dos sistemas de transporte e energia, a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, em 1952, e maior participação do setor público na transformação das cidades. A técnica urbanística figura como potencial para corrigir desequilíbrios entre atividades produtivas, consequentemente, de movimentos migratórios, exigindo conhecimentos por parte de profissionais na condução de projetos (COHN, 1976).

Após sua passagem pelo órgão, Svensson lecionou na Universidade de Brasília (UnB), a convite do professor Miguel Pereira, entre 1970 e 1972. Como professor da UnB, Svensson dedicou-se a desenvolver um programa de extensão universitária contemplando o Distrito Federal e regiões do entorno. Encampou uma forma de ensinar assentada na integração entre pesquisa e projeto de espaços, com grande vínculo ao conteúdo social. A experiência foi interrompida quando Svensson deixou o país e se mudou para Europa, em 1973, enquadrado na lei de Exceção 477 que o proibia de atuar como professor em todo território nacional. A convite de Philomena Miller (arquiteta e integrante do Partido Comunista) e do professor Jean-Pierre Halevy, ministrou aulas nas Escolas de Arquitetura de Estrasburgo e Nancy, onde permaneceu até 1974 (SCHLEE, 2012). Em seguida, colaborou com Oscar Niemeyer nos projetos da Universidade Tecnológica de Argel, e coordenou desenvolvimento e execução de seu Centro de Informática. Mudou-se para a Suécia em 1975 e assumiu o cargo de professor e pesquisador do Departamento de Teoria e História da Arquitetura do Instituto Politécnico Chalmers em Gotemburgo (1975-1986), onde se dedicou a estudos sobre patrimônio e desenvolvimento urbano.

Poucos anos depois, suas posições políticas o levaram a novas searas e Svensson se aproximou do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Ambrosio Lukoki (1940-2018), na época ministro da educação angolano, tinha um assessor brasileiro que o apresentou o nome de Svensson (CORREA, 2012, p.194) ao Ministério da Educação. Em 1979, Svensson foi convidado pelo governo do país para estruturar o Curso de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, trabalho que se estendeu até 1982. Svensson recorda que esta experiência foi fundamental para reconhecer que a prática urbanística não resulta somente das ideias individuais ou da vontade dos sujeitos, mas daquilo que as pessoas constroem juntas, material e simbolicamente (SVENSSON, 1994). Em 1982, o arquiteto defendeu sua tese na Universidade de Lund, priorizando a arquitetura como matéria compreende todas as formas de movimento e de desenvolvimento da sociedade, sendo assim campo de expressão e enfrentamento dos problemas nacionais. Para Svensson (1992), a imagem da sociedade é também imagem dos lugares: expressão do movimento da matéria, o que demanda pensar em formas de transformação social em todos os setores da vida. O ensino de arquitetura e urbanismo tem função importante em todos os demais setores da vida social, sendo meios para exteriorização de valores e sentidos construídos coletivamente.

Ensino de arquitetura na realidade do território

Nos longos anos em que foi colônia de Portugal, a região onde hoje está Angola proveu diamantes, petróleo e urânio para os países colonizadores. Foi também lugar da captura de cativos desde o séc. XV., sendo o tráfico atividade privilegiada da invasão colonial. A longa história de exploração deste território teve o ponto de inflexão significativo em 1961, quando eclodiu uma rebelião na então província, luta variada nos objetivos e métodos, mas cujo horizonte comum era a emancipação. Dentre os movimentos de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de caráter urbano e multiétnico. A áspera rivalidade entre diferentes grupos não impediu a ampla convergência que resultou na independência do país, em 1975.

O Movimento Popular de Libertação de Angola protagonizou a partir de 1977 uma luta trabalhista única em seu país. Propugna o socialismo científico e o internacionalismo proletário fundado na perspectiva de classe trabalhadora. Agostinho Neto foi o primeiro presidente da República Popular de Angola - estado socialista que manteve amplas relações diplomáticas e comerciais com Cuba e a antiga União Soviética. Tensões em escala global levaram Estados Unidos e África do Sul a interferir nessa proximidade, financiando uma guerra civil que eclodiu no pós-independência e só terminou em 2002 - com alguns intervalos. Acordos decorrentes do desgaste desse conflito levam o país a se tornar a República de Angola em 1991, país que passa a ter caráter multipartidário e cuja política passa a ter conteúdo de aspecto liberalizante.

A devastação provocada pela longa guerra civil gerou morticínio e deslocamento forçado de populações, com consequências variadas no território. A destruição de equipamentos, a sobrecarga da infraestrutura restante, demandou a formação de quadros profissionais capazes de oferecer soluções aos desafios enfrentados no país. Diante das consequências da guerra e a pouca atratividade do país de empresas dispostas a realizar investimentos, o MPLA procurou formar cooperativas no campo e na cidade, com atenção aos níveis de organização e à solidariedade proletária. Por meio de políticas públicas, a República Popular de Angola conduziu amplo programa para implantação de cursos técnico e superior. Mais do que formação de referências, o governo Agostinho Neto procurou organizar o território, realizando a passagem de uma forma extrativista para outra de caráter desenvolvimentista. Em 1979, foi criado um curso de cinco anos na Faculdade de Engenharia de Luanda com o propósito de sanar as lacunas relacionadas ao sistema de infraestrutura e habitação do país.

A partir desse escopo, Svensson se propôs a elaborar um programa potencialmente capaz de pensar o papel da arquitetura para os sujeitos se acercarem da realidade, das condições produtivas de bens, do grau de desenvolvimento técnico da mão-de-obra, dos vínculos possíveis para a promoção de níveis de igualdade necessários à construção coesa de uma sociedade que zele pela equidade. O enfoque de Svensson (1996) para a prática projetual e dos processos de ensino a aprendizagem resulta da convergência entre uma experiência histórico-materialista e os esforços de descolonização. Deve-se frisar que o termo é aqui empregado para se referir duplamente ao processo histórico que encerrou o período colonial - neste caso, em África - quanto ao trabalho epistemológico de superar os efeitos materiais e simbólicos da colonização. É algo de enorme significação política, fortemente vinculada a desejos comunitários, orientadas para construir um futuro comum, mas também uma herança potencialmente capaz de engendrar outros gestos de libertação (MBEMBE, 2019).

Como criar um curso de arquitetura em um país novo, em que parte considerável dos técnicos e profissionais com formação superior emigrou? Qual o papel do ensino da arquitetura na Angola dos anos 1970, quando a construção civil estava à mingua, com 85% da força de trabalho localizada no campo? A partir de questões como essas, o esforço de Svensson (1992) e equipe não se limitou a aspectos construtivos e plásticos da produção da arquitetura, mais sim aos processos para tornar sua prática mais aberta e coletiva. Os esforços de descolonização convergem com essa perspectiva de Svensson, já que se trata de construir bases relacionais, criar forças de base, ir além dos arranjos herdados dos países colonizadores, potencializar a diversidade social a fim de construir alianças.

Nos textos que Svensson (1981) desenvolveu a partir da experiência em Angola, é possível identificar alguns temas predominantes: a reorganização urbana durante a passagem de um território colonizado para o socialismo, atenção ao hábitat como fator primordial para o progresso econômico e social; importância da habitação e dos lugares para troca de conhecimento entre sujeitos. Por tudo isso, afirma que a atuação pedagógica deva ser “orientada no sentido da procura de solução para os problemas prioritários do país, pois que serão essas opções que constituirão as bases em que estariam assentadas as tarefas de sua reconstrução” (SVENSSON, 1992, p.19). Adiante, veremos em detalhe esses princípios e seus desdobramentos.

Experiências pedagógicas: ação no campo da arquitetura e do território

Segundo Svensson, as leis internas da arquitetura são construídas em franca relação com as formas de trabalho, seja este concreto ou abstrato. O trabalho tem caráter social, e alienação de seus processos tira do indivíduo a possibilidade de seu domínio consciente. Nesse contexto, os processos de ensino e aprendizagem não ocorrem apenas por transmissão, mas pela troca. Svensson apresenta que, diferentemente do que ocorre em países fortemente industrializados, em que as soluções são desenvolvidas a partir de programas formulados pragmaticamente (SVENSSON, 1992), ensinar em países como Angola exige envolvimento processual entre diferentes atores, das diferentes classes trabalhadoras.

Svensson estuda os fenômenos sociais, sua história e suas tendências de desenvolvimento, a partir de uma concepção dialética de mundo - fundamentalmente contrária à metafísica. Seu pensamento reconhece que nenhum fenômeno urbano pode ser compreendido isoladamente, o que exige que se examinem as mudanças e o movimento progressivos da vida social, com suas implicações quantitativas e qualitativas. Svensson (1991, p.34) escreve que somente o conhecimento dos valores dos povos pode romper “a generalização estética da arquitetura [...]”, possibilitando o descobrimento da substância dos objetos “e o conhecimento dos seus aspectos, de suas características, de suas propriedades comuns, de suas origens e de suas leis da transformação histórica”. Assim, a “estética” é considerada “uma forma particular de consciência social”, capaz de revelar a “inter-relação com outras formas da consciência social, nomeadamente, com a consciência política, do direito, moral e religiosa” (ibid., p. 35). Com efeito, a consciência estética possui “influência ativa sobre o ser social e as leis do desenvolvimento histórico” (idem).

Para que os/as estudantes de arquitetura tenham capacidade de se aproximar da realidade que os cerca, deve-se levar em consideração todos os fatores determinantes na produção do projeto. Para isso, Svensson afirma o exercício da observação e documentação da cidade como algo de grande importância, já que essas práticas podem resultar em recursos pedagógicos coletivamente construídos. A representação das formas torna-se fundamental para que os documentos históricos sejam mediados - analisados, comparados e considerados para o projeto. Svensson (1996) ressalta o papel da arquitetura na reconstrução de Angola – algo que repercute em sua atuação no Brasil. A transformação do território depende de práticas que só serão alcançadas ao se conceber novas funções para os edifícios, que resultarão em novos lugares para a vida cotidiana.

A interpretação de Svensson ressoa em impressões que outros autores apresentaram sobre o papel instrumental da urbanização. Discursos e instrumentos do urbanismo foram adaptados em cidades colonizadas, campo aberto de experimentação em que vigorou o zoneamento étnico, a divisão do território e as desapropriações – caso do plano de Henry Prost para Casablanca, de 1917 (CALABI, 2012). Ações que não ficaram restritas ao espaço urbano, pois as empreitadas colonizadoras resultaram em obras nas zonas rurais para exploração de empresas privadas. Isso não diz respeito apenas aos espaços de atividade econômica: hábitos foram importados das metrópoles, resultando em programas e edificações cuja tendência era se sobrepor aos modos de vida nos núcleos colonizados (AVERMAETE; KARAKAYALI; von OSTEN 2010). Definição de posições e práticas de controle tornam-se termos recorrentes no universo urbanístico dirigidos a esses territórios e, como mostram críticas recentes, mostram que o urbanismo se adensa também em outras direções, por meio de outros expedientes (idem).

Sendo assim, o esforço de construir um programa de ensino é desfazer trânsitos combinados de opressões e segregações, formando um conjunto de expressões moventes cuja capacidade de adaptação é recorrentemente amplificada, sobretudo se consideramos que as práticas urbanísticas e arquitetônicas envolvem variados conhecimentos e são heterogêneas em seus efeitos, podendo ser rastreadas com base em seus resultados formais e no movimento de populações (MERLIN; CHOAY, 2015). Em Svensson, isso se manifesta na necessidade de despertar entre os/os estudantes a atenção para novos objetos de trabalho que integram a prática da arquitetura como: complexos industriais e agrícolas, unidades de vizinhança e cidades. Esses programas respondem a necessidades baseadas em localização industrial, o uso do solo, localização e organização de habitações, mobilidade urbana, eficiência energética dos edifícios e da cidade, a localização das redes de abastecimento, dos serviços culturais, definição de perspectivas futuras para a cidade, com conseqüente elaboração de planos diretores para zonas rurais.

Por meio do ensino, formulam-se propostas de modificação na arquitetura que confrontam o exercício de projeto idealista, focado somente na originalidade, sem vínculos com o existente. Frank Svensson (1992), ao criticar a metodologia idealista, oferece contraponto à produção de arquitetura do que o autor denomina idealizações do social-romantismo arquitetônico. Algo nada desimportante em um país como Angola, cujos quadros foram formados no exterior - principalmente em Portugal. Assim, embora a formação europeia tenha despertado o interesse por programas públicos (CORRÊA, 2012), a assimilação dos repertórios formais e construtivos se deu muitas vezes sem maiores associações aos problemas do país (SVENSSON, 1992).

Para Svensson, o ator coletivo formado pela classe trabalhadora é o sujeito da história. O trabalho não diz respeito apenas ao campo material, pois há também as criações espirituais de valores abstratos e não mensuráveis. Comum às duas formas de produção é o fato de criarem relações sociais, ligadas às coisas e às ideias. O conjunto daquilo que se situa no campo do pensamento guarda correspondência com signos e sistemas que podem ser compartilhados, quer dizer, comunicados por diferentes linguagens. Para o autor, a prática arquitetônica situa-se numa zona limiar de múltiplas relações entre forma, matéria e experiência, exigindo dos profissionais aproximação com as forças materiais da sociedade, afastando-se assim de mera replicação de símbolos em determinado contexto social. A experiência produz um tipo de mediação em que os objetos são continuamente reinterpretados (SVENSSON, 1992, p.37), o que é fundamental do ponto de vista pedagógico, principalmente nos exercícios de projeto, exigindo que os orientadores estimulem os estudantes a tomarem consciência sobre constantes modificações no pensamento derivadas do mundo (ibid.)

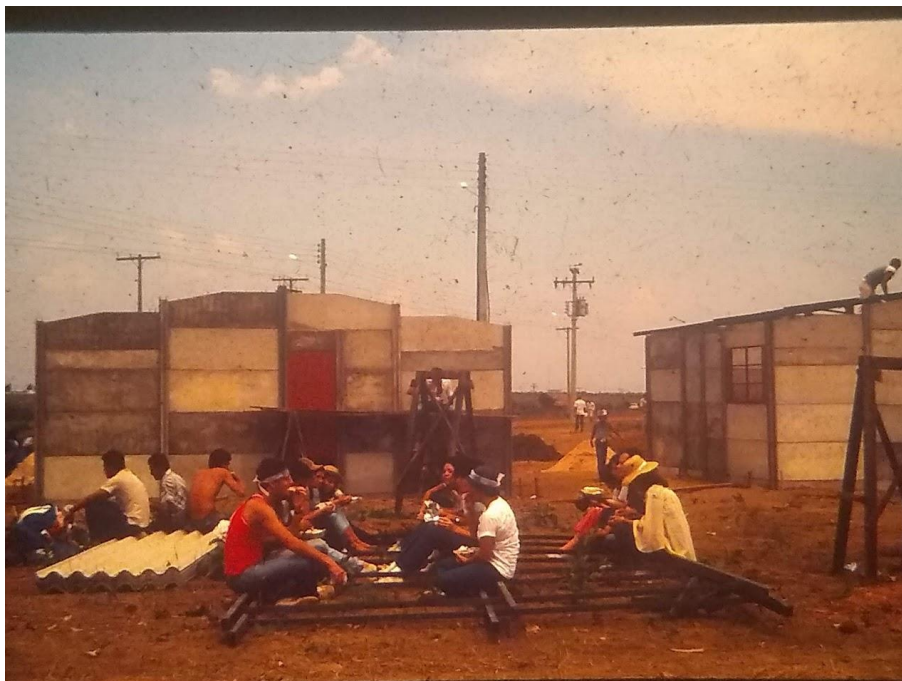
Svensson adverte para falta de vínculos entre a consciência e a imaginação, uma armadilha que leva ao que o autor denomina "voluntarismo idealista" da criação, algo como artificialismo da vontade e alienação. Nesse processo de interação coletiva, a geometria é meio indispensável. A perspectiva como tradução de uma superfície ampla para um plano dimensional oferece possibilidade de regular as proporções entre as partes e despertam novas perguntas sobre como o edifício foi realizado, o comportamento dos materiais, as escolhas de detalhe e outros termos que são importantes para a configuração do edifício. Nesse processo, "cada novo questionamento modifica, no pensamento, a imagem da totalidade do espaço antevisto (idem).

Percursos urbanos: reflexão e formação

O exercício denominado "percursos urbanos" é uma tentativa de reunir condições práticas e reflexivas de formação. Os estudantes são estimulados a descrever os percursos na cidade por meio de debates organizados. Em seguida, passa-se ao exercício de desenho à mão livre, mediando forma e discurso. O interesse não fica limitado ao edifício apenas, mas à globalidade da ambiência apreendida com o recurso da representação e comunicada por meio do exercício criativo. Assim, o espaço observado durante o percurso fica contrastado ao conhecimento e memória dos alunos, ao que ele já é capaz de informar.

Para Svensson (1991, p.35), o exercício artístico é instrumento fundamental de lidar com o conhecimento acumulado, e argumenta que há ligação entre teorias metafísicas “com os interesses das classes[...] especialmente, da sociedade capitalista contemporânea”. Svensson (1994) critica o exercício artístico nas faculdades de arquitetura com propósito único de promover a replicação de um domínio técnico ou a reprodução irrefletida de repertórios formais. A prática de projeto nos exercícios artísticos possui propósito de compreender a espacialidade e, a partir disso, aflorar o interesse criativo, considerando as particularidades locais como premissa relevante de projeto. Ao longo dos percursos urbanos, desencadeia-se um intenso processo de comparações e intercâmbio a respeito da modificação da espacialidade dos lugares, o que constitui o cerne da questão da formação para a arquitetura e, principalmente, de seus exercícios de projeto (SVENSSON, 1992). A formação profissional não está fundamentada na elaboração de formas arquitetônicas, mas em novos e desafiadores tipos de exercícios projetuais. Como observa Svensson, na impossibilidade de 'levar os lugares para as salas de aula', podemos transformá-los em novas representações, em novas disposições no espaço. O ensino, ainda que fortemente atrelado ao campo da subjetividade, é uma ferramenta indispensável para ampliar as convergências, os números de campos disciplinares influenciados pela arquitetura.

Figura 1: Experiência conduzida por Frank Svensson nos anos 1980 com estudantes de arquitetura no entorno do Distrito Federal. Sua prática pedagógica estava alicerçada no forte conhecimento histórico e na sólida capacidade de lidar com os problemas locais.



Fonte: Acervo Pessoal do Arquiteto Frank Svensson, doado para o CEDIARTE-FAUUNB¹.

Experiências pedagógicas e reflexão descolonizadora

Este percurso, assim como outras atividades formadoras, contribui para construção do ator coletivo da arquitetura como sujeito da história. Svensson reitera sua compreensão de que o trabalho não diz respeito apenas ao campo material, pois há também os valores abstratos e não mensuráveis, fortemente articulados no curso da colonização na África. O que se situa no pensamento, guarda correspondência com signos e sistemas socialmente compartilhados, quer dizer, comunicados por diferentes linguagens. Svensson considera que a prática arquitetônica se situa numa zona limiar de múltiplas relações entre forma, matéria e experiência, exigindo dos profissionais aproximação com as forças materiais da sociedade, afastando-se assim de mera replicação de símbolos em determinado contexto social.

A formação e experiência de arquitetos em Angola, no período da República Popular, estava fundamentada na construção de novos horizontes sociais. A abordagem consistente sobre a configuração dos assentamentos humanos no campo teórico e pedagógico não considerava a cidade como mera decorrência das transformações nas relações de produção, deixando em aberto a aplicação de princípios na área do planejamento. Problemas sociais e soluções urbanísticas são faces de um mesmo conjunto de questões, sendo que a sociedade é a força e a ação que a transforma – e por meio da qual a sociedade é modificada.

Por meio da técnica, pode-se construir as condições objetivas para produzir reciprocidade entre conteúdo social e a arquitetura. O espaço é algo produzido para e através da produção social e o modo de vida das sociedades. Portanto, importa que a consciência social esteja ligada tanto às coisas, quanto às ideias, formas que mantêm proximidades e correspondências engendrando diferentes tipos de desenvolvimento histórico.

Svensson (1992) afirma que o fim da colonização representou o acesso à cidade por parte considerável da das pessoas. O desmantelamento da estrutura colonizadora do território e das leis emitidas por Portugal resultou em liberdades de movimento no espaço urbano e movimentos migratórios. A cidade se amplifica, multiplicam-se os lugares da vida pública. O desenvolvimento de um arranjo produtivo envolvido no curso da independência mudou consideravelmente a fisionomia das cidades. O lugar da vida pública não era mais celebrado apenas nas catedrais e monumentos e nos programas transpostos da Europa, mas na fábrica, na escola, em estações de transporte e todos os equipamentos que configuram a vida urbana. Na Angola pós-colonial, a disciplina de projeto é dedicada à prospecção de novos espaços, mais equitativos, do que a afirmação de estruturas existentes. Fenômenos novos alvoreçam a experiência construtiva num país que recém-formado, território recém-emancipado antes marcado pela sobre determinação em seus territórios. O pensamento é o meio próprio de desenvolvimento de outra realidade, mais compatível com a proposta de país. A arquitetura como prática de agência no espaço, como produtora e produto de uma condição social.

Por meio da arquitetura, Svensson acredita ser possível apreensão das propriedades essenciais coletivas. A experiência angolana revela que a interação entre campos produtivos explicita a capacidade popular de construir uma transformação endereçada a todos – mesmos aos “inimigos de outrora” (MBEMBE, 2012, p.54) e pode produzir uma forma qualitativamente nova e superior de democracia. É a democracia da classe trabalhadora, do poder popular que constitui um sistema de organizações estatais, sociais e políticas. A partir da relação contínua com o corpo social que se desenvolve unidade e convergência. A produção arquitetônica é uma das formas históricas de liberação que transforma as classes oboeiras e guia do processo revolucionário do país, tornando-o perene.

No capitalismo, privilegia-se a prática arquitetônica centrada na profissão liberal, de escritórios multinacionais e de consultoria privada. No curso da descolonização, privilegia-se demandadas da coletividade e do Estado. O processo planejador no qual se luta pela defesa da melhor qualidade dos lugares ocupados pela maioria menos privilegiada do povo e, pela elevação coletiva de sua consciência e participação criativa na produção da arquitetura. O arquiteto de tipo profissional liberal vai gradativamente sendo substituído por processos cada vez mais coletivos, democráticos, em que o desenvolvimento individual não se confunde com o individualismo. A prática profissional da arquitetura terá princípios de exercícios práticos e serão levados em consideração as características normativas, diretivas e planejadoras das propriedades essenciais da disciplina. Novas áreas verdes sob forma de parques, praças e sítios para o cultivo público proliferam nas cidades. Áreas e estabelecimentos de esporte e recreação para diferentes faixas de idade são distribuídos em proporção equivalente à realidade demográfica. Normas de reconstrução, ampliação e reequipamento dos edifícios são delineadas. Isso dentro de uma crescente sistematização das soluções construtivas em favor da economia nacional. A consideração da justiça e do progresso social, do bem-estar coletivo a todos os níveis e dos lugares necessários para tanto passa a se traduzir em planos e projetos. Para Svensson, o processo que decorre da descolonização e conseqüente transição para a unidade socialista, requer a presença ativa dos trabalhadores da arquitetura nas formulações que venham a estimular o emprego da dimensão artística como recurso cognitivo em todos as etapas de decisão sobre a forma dos lugares.

Por fim, a arquitetura passa a ser instrumento relevante para a memória. O passado doloroso da colonização é disputado por meio do reconhecimento e reciprocidade, do direito de os povos viverem em liberdade nos espaços públicos novos. O trabalho da arquitetura torna-se também modo de restaurar simbolicamente aquilo que foi destruído e desfeito pela empresa colonial. Os compromissos das elites políticas, as locais incluídas, com as formas de capital, podem ser refeitas em favor de um pacto social novo e de independência. No campo pedagógico, isso se manifesta na formação de quadros políticos com capacidade técnica e científica de retomar formas de participação ativa na diversificação de atividade produtiva no país. Portanto, o curso de Arquitetura e Urbanismo estaria orientado em eixos que se relacionam a: i. a íntima interação das disciplinas de História e de Projeto, irmanadas numa sequência de temas essenciais, representativos da própria vida da sociedade. Entre os temas centrais, destacamos: i. a estruturação ambiental e construtiva do habitat; ii. história das formas de trabalho e dos seus locais de realização; iii. o desenvolvimento do projeto por meio da ação do poder popular e das formas sociais organizadas, por exemplo, partidos políticos.

O programa conduzido por Svensson em Angola foram reunidas em sua tese de doutorado e tiveram forte influência nos métodos e exercícios que passou a desenvolver quando retornou ao Brasil em 1988, quando

foi anistiado e reintegrado ao quadro de professores da Universidade de Brasília. Na instituição, Svensson desempenhou papel muito relevante para que a história social e o conteúdo das forças produtivas fossem considerados na formação dos arquitetos e urbanistas. Por meio de sua obra, uma geração de profissionais pode compreender melhor as contribuições do materialismo dialético ao campo da estética, bem como os problemas que movimentaram o pensamento materialista dirigido às cidades (SVENSSON, 1994, 1995, 1997). Nos dias atuais, onde novos movimentos migratórios e a mudanças expressivas nas formas de produção e consumo da arquitetura se apresentam, o pensamento sobre descolonização e decolonialidades ganha novos contornos. Nesse universo, a obra de Svensson se revela fonte importante de reflexão para ampliação da consciência coletiva no caminho de prática coletiva e consciente da arquitetura.

3 CONCLUSÃO

A implantação do curso de arquitetura e urbanismo na Universidade Agostinho Neto é uma experiência que permite depreender aspectos centrais na trajetória de Svensson relacionadas sobretudo: a) às interações entre forma construída e território; b) à produção da arquitetura a partir de formas sociais organizadas. Estes são eixos que orientaram a atuação de Svensson nos diversos contextos em que atuou, e são fontes importantes de investigação para a prática profissional da arquitetura e urbanismo no presente, em um país desigual como o Brasil. Os textos de Svensson aqui abordados revelam grande consciência do autor com os compromissos da prática arquitetônica em contextos marcados pela desigualdade. Por isso, essa breve trajetória aqui desenhada pode ser fonte informadora para caminhos de pesquisa sobre a relação entre prática arquitetônica e territórios e da descolonização do espaço e das consciências.

4 REFERÊNCIAS

AVERMAETE, T.; KARAKAYALI, Serhat; von OSTEN, Marion. *Colonial Modern: Aesthetics of the Past, Rebellions for the Future*. Londres: Black Dog Publishing, 2010.

CALABI, Donatella. *História do Urbanismo europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2012

CORREIA, Maria Alice. *O "patrimônio" do movimento moderno em Luanda (1950 –1975)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Problemas atuais do ensino e do aprendizado em Teoria e História da Arquitetura. In: GOUVÊA, Luiz A.; BARRETO, Frederico F.; GOROVITZ, Matheus. *Contribuição ao ensino de arquitetura e urbanismo*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999, pp. 31-36.

MERLIN, P.; CHOAY, F. *Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement*. Paris: PUF, 2015.

MICHELIN, C.; VASSÃO, C. A.; ARANTES, P. A. C. Design Ecosistêmico: uma abordagem para descolonizar subjetividades. *VIRUS* n. 23, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus23/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 24 Mar. 2022.

SVENSSON, Frank. *Contribuição à estruturação do curso de arquitetura da faculdade de engenharia da universidade de Angola: considerações gerais*. Angola: [s. n.], 1981.

_____. *Arquitetura, criação e necessidade*. Brasília: EdUNB, 1992.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.1. Brasília: AURORA, 1994.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.2. Brasília: AURORA, 1995.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.3. Brasília: AURORA, 1996.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.4. Brasília: AURORA, 1996.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.5. Brasília: AURORA, 1997.

_____. *Arquitetura e conhecimento*. Vol.6. Brasília: AURORA, 1998.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).